NOTÍCIAS DO PLANO NACIONAL DE CINEMA (PNC)

Ano Letivo 2017-18 | m a r ç o

Fotograma de *Os Maias - cenas da vida romântica* (2014), de João Botelho.

A divulgação do cinema português junto das crianças e dos jovens é uma das prioridades estratégicas do Plano Nacional de Cinema, que, deste modo, procura contribuir para um dos Princípios constantes do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*: a base humanista em que a escola deve assentar, que, neste caso, se concretiza na necessidade de elevar os padrões de consumo e as vivências culturais dos jovens portugueses. Neste número, o destaque vai para a divulgação da obra de João Botelho nas escolas portuguesas, para o desenvolvimento de um projeto académico sobre a experiência do cinema em contextos educativos, para as várias atividades realizadas pelas escolas, e, finalmente, para a programação do PNC do mês de março.

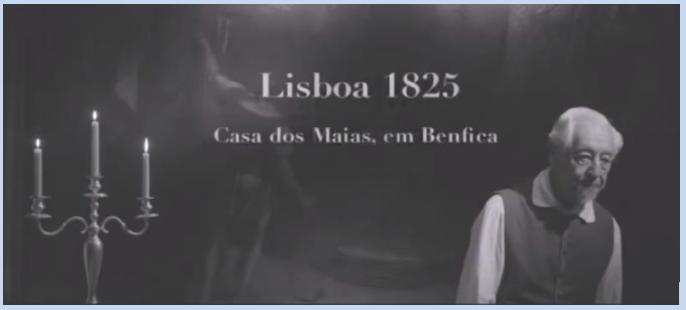
DIVULGAR A OBRA DE JOÃO BOTELHO NAS ESCOLAS PORTUGUESAS

A experiência e a sensibilidade cultural e histórica de João Botelho têm levado o autor a interessar-se por trabalhar a partir de obras máximas da cultura portuguesa. Nas escolas, a motivação em torno da obra de João Botelho tem-se revelado crescente, e tem-se manifestado das mais diversas formas em torno de três das suas obras: *Filme do Desassossego* (2010), *Os Maias - cenas da vida romântica* (2014) e *Peregrinação* (2017), não sendo alheia a este facto a questão de as obras literárias em que os filmes se baseiam estarem, direta ou indiretamente, relacionadas com conteúdos curriculares. Precisamente por isso, e porque a matéria queirosiana se oferece como um dos pontos de partida mais interessantes da narrativa cinematográfica de João Botelho, aproximando a experiência cinematográfica da experiência da leitura[1] partilhamos neste número das *Notícias* o excerto de um trabalho apresentado numa Ação de Formação realizada em 2015-16, da autoria de Maria Manuel Paz (Escola Secundária Emídio Navarro - Almada), que foi concluído no âmbito do Programa de Formação de Professores da DGE para o PNC. O presente trabalho destinou-se precisamente a analisar a obra fílmica de João Botelho *Os Maias - cenas da vida romântica*, de 2014, e o documento que divulgamos corresponde apenas a uma parte do trabalho realizado.

[1] SOBRAL, Filomena Antunes - *OS MAIAS* DO SÉCULO XIX NUM FILME DO SÉCULO XXI: RECRIAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DE JOÃO BOTELHO. In: Rev. Let., São Paulo, v.55, n.1, p.55-69, jan./jun. 2015, p. 63. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/23348/2/Os%20Maias%20do%20s%C3%A9culo%20XIX.pdf

«São as palavras de Eça, na voz do barítono Jorge Vaz de Carvalho, que marcam o início do filme, mostrando que o texto queirosiano é o protagonista. À medida que a câmara se afasta, entramos no universo da construção do artifício que enquadra a verdade do discurso do escritor. O genérico é explícito desta opção: o movimento da câmara revela os desenhos, as maquetas, o guarda-roupa, os adereços, os esquissos, os tecidos, mostrando todo o processo de construção, a montagem de um espetáculo.

Uma vez o ponto de vista estabelecido, recuamos à juventude de Afonso, como se a imagem fosse um prolongamento do texto.



Esta retrospetiva, que nos apresenta a história de Pedro da Maia, filho de Afonso, é representada por imagens a preto e branco, introduzidas com um **intertítulo** indicador da localização espácio-temporal da ação, processo repetido ao longo do filme e necessário para marcar os saltos temporais da narrativa e identificar os espaços.

Finda a analepse inicial, transição assinalada pelo movimento de câmara sobre uma imagem que gradualmente vai adquirindo cor, folhas na água, o fluir do tempo, no espaço puro de Santa Olávia, somos relocalizados em Lisboa, no Ramalhete e depois no consultório de Carlos, no Rossio.

Os **cenários exteriores** são telas pintadas, colocadas estrategicamente de forma a criar a sensação de vários planos, efeito conseguido com a movimentação das personagens que entram e saem de «coisa nenhuma», como nas cenas que se passam nas ruas de Lisboa, ou com a posição dos atores, como acontece com o enquadramento de Afonso em Santa Olávia, o espaço idílico e saudável que se opõe à capital doente ou ainda, impensável não referir, o plano do episódio das corridas, onde os atores se diluem na mancha cromática como figuras de papel na comédia social que constroem.

Plano de conjunto e profundidade de campo: um serão no Ramalhete.

Plano de pormenor: função simbólica - as «paredes fatais» do Ramalhete.

Plano de pormenor: função simbólica – os três membros da família.

Plano de pormenor: função simbólica – indícios trágicos na Toca.

Já os **espaços interiores** revelam um trabalho minucioso de aproximação às descrições de Eça, desde a recriação do luxo e conforto aristocrático que rodeia a família, passando pelo enfoque dos objetos que constituem indícios trágicos, até aos contrastes luz/sombra que adquirem uma dimensão simbólica inquestionável e de absoluto respeito pela obra.

A estrutura complexa da obra «Os Maias» parte dos dois planos narrativos distintos, associados ao título e ao subtítulo e que o realizador teve o cuidado de manter. Por um lado, temos a personagem oculta e omnipresente de Portugal, espelhada nos episódios sociais da obra e meticulosamente representados nesta longa-metragem, e, por outro lado, o drama familiar que une e separa Carlos e Maria Eduarda.

Os episódios sociais que integram a crónica de costumes do Portugal oitocentista são, neste filme, momentos de aproximação à ópera bufa, com as suas personagens caricatura a conferir-lhe a dimensão de uma feira de vaidades, onde todos estão num palco.

E, se este olhar coletivo **fora-de-campo** nos situa no palco do teatro S. Carlos, ao **som intradiegético** da ópera a que as personagens assistem, nós também somos os espetadores que veem um palco onde se exibe a alta sociedade lisboeta, decadente e ociosa, num *travelling* da câmara que as faz desfilar à nossa frente.

As personagens da comédia lisboeta que Ega naturalmente nunca chegaria a escrever, «O lodaçal», apresentam os mesmos traços caricaturais desenhados por Eça e o realizador não deixou escapar os mais relevantes.

***Plano de pormenor**, cuja **voz off** do narrador permite ler simbolicamente: as «literaturas rivais» - o Romantismo da estatueta e o Naturalismo da travessa de ostras…*

***Plano próximo**: Dâmaso Salcede, a alegoria dos vícios sociais.*

***Plano de pormenor:** os cartões do Dâmaso, «objetos complicados e vistosos».*

***Plano americano**: ao centro, o maçador conde Gouvarinho que «proferia[…] coisas como do alto de um pedestal».*

***Grande plano**: a «picante» condessa Gouvarinho, com o seu «arzinho de provocação e ataque»*

Plano de conjunto: O sarau literário no teatro da Trindade envolto nas sombras do atraso cultural do país…

***Ângulo picado**: Cruges, o artista incompreendido, humilhado pela troça ignorante da sonata «Pateta» … «– Fiasco completo. – declarou Carlos.»*

«Para mim o cinema são luzes e sombras. Os otimistas tentam passar da sombra para a luz – o Ega.
E os Carlos da Maia [os pessimistas] passam da luz para a sombra. Mas é sempre um jogo de luz e sombras.»

João Botelho

João da Ega é, a par com Carlos da Maia, o elo de ligação dos dois planos narrativos. Atravessa a comédia de costumes, protagonizando episódios caricatos, é o confidente-testemunha do amor de Carlos e Maria, e acaba por ser, involuntariamente, o depositário do segredo que desencadeará a tragédia devastadora. O realizador deu-lhe, sem dúvida, a iluminação merecida, não deixando de o envolver episodicamente na sombra do adultério romântico.

***Plano americano**: Ega espera pelos convidados do jantar no hotel Central e o painel de fundo representa Lisboa, tendo o gradeamento como elemento de transição dos dois espaços.*

***Plano aproximado**: Ega recebe Carlos na sua casa, a vila Balzac.*

***Plano de pormenor**: Ega, o «Mefistófeles de Celorico», depois de ter sido expulso do baile dos Cohen pelo marido de Raquel, vê a sua imagem refletida numa bandeja. Momento de introspeção e narcisismo.*

«E que somos nós? […] Românticos: isto é, indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento, e não pela razão…»

Os Maias

A representação da sociedade romântica do século XIX não se esgota nos ambientes criados, na caracterização das personagens e nas relações que estabelecem. As pinceladas românticas são uma constante ao longo do filme, desde a banda sonora, criteriosamente selecionada, aos elementos decorativos, em construções com notas humorísticas que revelam o olhar crítico de Eça sobre esta estética e também o do realizador.

***Plano americano**: a empregada «naturalista» limpa o pó ao retrato de Almeida Garrett, referência máxima do Romantismo, e o olhar das personagens – fora-de-campo – reenvia-nos para a figura inominável do Dâmaso a cantar uma ária…*

***Plano próximo**: Carlos vê Maria Eduarda – fora-de-campo – pela primeira vez. Ao fundo, Alexandre Herculano lança o seu olhar romântico sobre a cena. À esquerda, a estátua que reflete a beleza clássica da mulher que ele venera.*

Análise breve de uma sequência – A intensidade dramática do momento em que Maria Eduarda toma consciência do incesto é do mérito exclusivo do realizador e já não de Eça. Talvez por isso, a sua liberdade estética tenha adquirido asas e o resultado é de uma beleza indescritível, onde som, luz, cor e a expressão de despojamento da atriz se conjugam perfeitamente num conjunto arrepiante.

1

2

3

6

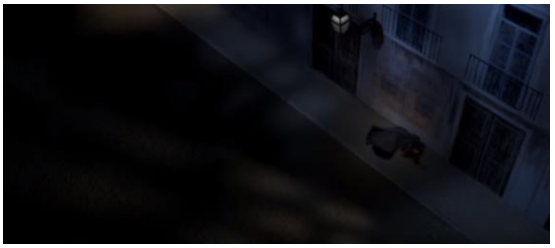
Esta primeira sequência de planos é acompanhada pela ***voz off*** do narrador que nos fala da revolta e do choro da personagem. Rodeada de sombras, vemos Maria Eduarda deitada, destroçada, como se algo a tivesse, literalmente, atirado ao chão, tenuemente iluminado, onde se veem os papéis «fatídicos» que, deduzimos, terá lido. No plano expõe-se a sua revolta espelhada na débil tentativa de os destruir. Cortando para outro plano, surge um cenário exterior (integralmente construído com painéis pintados). A atmosfera trágica é construída com a cor noturna, as ruas desertas, as sombras e os dois pontos de luz dos candeeiros. Ouve-se a belíssima ária " Tenneste la Promessa… Addio del Passato. É o desenlace trágico.

No fotograma 4 vemos surgir repentinamente a nossa vítima, movimento marcado pelo voltear da saia, como se estivesse tonta, um pequeno ponto escuro no meio das sombras.

A sensação de impotência transmitida pelo enquadramento estático agudiza a sensação de irredutibilidade e o único movimento é a figura da mulher ao longe, como que esmagada pelas sombras, que atravessa a rua deserta, cambaleante, espelhando o seu desespero de que a ária que se ouve é o eco, amplificando o efeito emotivo.»

7

9



10

O corte para o **plano médio** coloca Maria Eduarda ao lado de um cartaz alusivo à música que se ouve, reforçando a identificação, ao mesmo tempo que revela com mais pormenor a sua aparência sofredora. A elegância das suas *toilettes,* os chapéus requintados e os penteados elaborados a que nos tinha habituado deram agora lugar ao cabelo caído e desgrenhado e a um vestuário indistinto e escuro, quase sem forma. A personagem sofre, já não é quem era.

Especialmente interessante é a **passagem do plano 7 para o plano 8**: a câmara inicia uma aproximação a Maria Eduarda, mas quando está prestes a chegar próximo, a personagem cai e a câmara faz um movimento descendente repentino, como que a querer acompanhar a sua queda, mas não consegue, porque se fixa num plano ligeiramente superior, transição para o próximo enquadramento.
Parece haver um diálogo entre a câmara e a personagem: primeiro, aquela mantém uma distância respeitosa da intimidade sofredora e depois tenta acompanhá-la na sua dor, sem o conseguir, porque o olhar da irmã de Carlos é vazio. Corte para os planos 9 e 10, **picados**, que devolvem Maria Eduarda às sombras. A personagem é uma pequena e informe mancha escura, parece um farrapo no chão do passeio. É a imagem acabada da destruição, da catástrofe trágica. E a ária continua…

Mas a vida, ao modo realista, também continua, e é ao som da mesma música que vemos uma Maria Eduarda que juntou os pedaços, com um semblante pesado, sem o brilho inicial, mas controlado, de *toilette* austera, num plano próximo, a despedir-se de Lisboa no pano de fundo.

Plano próximo: Maria Eduarda no Ramalhete.

Plano próximo: Maria Eduarda despede-se de Lisboa e de Portugal.

Agradecemos à Dra. Maria Manuel a autorização para partilharmos o excerto do seu trabalho, e, esperando que esta rubrica possa ser útil para o trabalho desenvolvido pelos professores, concluímo-la com as palavras da investigadora Filomena Sobral:

> «…Apesar de o texto base ser Os Maias de Eça de Queirós, este filme é Os Maias de João Botelho, cinematografado de acordo com uma leitura específica e contagiado pela dimensão imaginária/ artificial do cinema. No entender de António Guerreiro (…) "Se quisermos analisar e avaliar o filme segundo os seus próprios princípios, é uma obra acabada, perfeita, sem falhas, dotada de qualidades - diríamos 'clássicas' - a que são permeáveis tanto um espetador culto como um espetador menos treinado".»[2]

[2] SOBRAL: *Idem, Ibidem*, p. 67.

À CONVERSA COM JOÃO BOTELHO

Ao longo do presente ano letivo têm sido diversas as iniciativas promovidas por escolas e destinadas a estreitar o contacto dos alunos com o cinema português, e, neste contexto, é forçoso destacar o caso do cinema de João Botelho. Em Odemira, (equipa do PNC coordenada pelo Dr. Jorge Mendes) os alunos do 2º e 3º Ciclos da **Escola Secundária Dr. Manuel Candeias Gonçalves (agrupamento de Escolas de Odemira**), acompanhados por 15 professores, deslocaram-se ao Cineteatro Camacho Costa para assistir à exibição do filme *Peregrinação*. Após a sessão, João Botelho esteve disponível para responder à curiosidade dos alunos. Também na **Escola Secundária Leal da Câmara** (Cascais-Sintra), (equipa do PNC coordenada pela Dra. Manuela Martins) o realizador esteve presente para falar com alunos do 12.º Ano após a projeção de *Filme do Desassossego.* E no próximo dia 8 de março, a propósito da exibição de Os Maias-Cenas da Vida Romântica, no Cineteatro de Vouzela, o realizador vai conversar com os alunos, no Auditório escolar do AE de Vouzela, numa parceria estabelecida entre as duas escolas de Vouzela. O Encontro é dinamizado pela equipa PNC do AE de Vouzela e Campia, coordenada pela Dra. Ângela Carvalhas.

Imagens: Cartazes de divulgação elaborados pela ES Lealda Câmara e pelo AE de Vouzela e Campia.

João Botelho em conversa com os alunos no Cineteatro Camacho Costa, Odemira, a propósito da projeção do filme *Peregrinação*. Créditos fotográficos: AE de Odemira/PNC.

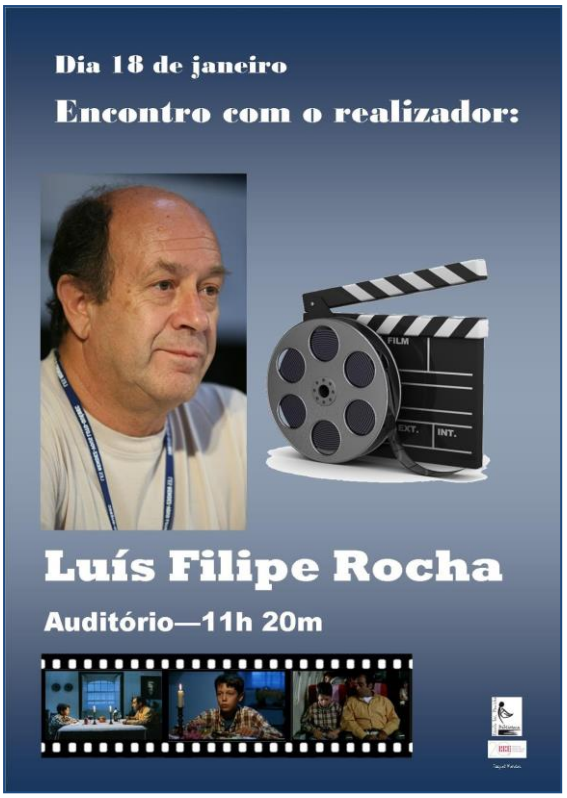
OUTRAS ATIVIDADES EM DESTAQUE: PORTO, VILA NOVA DE GAIA, PENICHE E OVAR

Prosseguindo a vertente de divulgação da arte do cinema junto dos públicos escolares, destacamos duas projeções realizadas no distrito do Porto, zona do país que apresenta cada vez mais alunos a participar em atividades cinematográficas. Foram os casos dos alunos do Colégio Paulo VI, de Gondomar (equipa do PNC coordenada pelo Dr. Nuno Ferreira), que se deslocaram em 26 de janeiro à Sala Henrique Alves Costa/Casa Allen, sede do Cineclube Porto, para assistir à projeção de *O Grande Ditador*, de Charlie Chaplin, com apresentação a cargo de José António Cunha, da Direção do Cineclube do Porto. Também os alunos da Escola Secundária Almeida Garrett, (equipa coordenada pelo professor António Pinto) foram ao Auditório Municipal de Gaia, em 31 de janeiro, no âmbito da realização de atividades sobre a temática *ESCOLA,* para assistirem à projeção de quatro curtas-metragens de ficção portuguesa da autoria de Jorge Cramez, João Nicolau, João Rosas e Telmo Churro. Estiveram presentes na sessão cerca de 320 alunos! Segundo as palavras do professor António Pinto, «*O olhar simultaneamente cúmplice e crítico destes realizadores sobre a escola e a*

adolescência /juventude mereceu destaque, assim como o apelo à cinefilia». Além dos professores e alunos, o Diretor da Escola Secundária Almeida Garrett esteve presente na abertura da sessão.

Imagens: Sessões de Cinema no Cineclube do Porto, no Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia

Créditos fotográficos: Cineclube do Porto/PNC; Escola Secundária Almeida Garrett/PNC;



Em Peniche, no Auditório da Escola Secundária, realizou-se em 18 de janeiro um Encontro com o realizador Luís Filipe Rocha, na sequência de uma projeção de cinema com o visionamento de Adeus, Pai. No final da sessão o realizador falou com os alunos.

Luís Filipe Rocha iniciou esta conversa com a explicação sobre a génese do filme "Adeus, Pai" (1996), referindo que em 1993 interrompeu o filme "Sinais de Fogo" e decidiu isolar-se no Alentejo, onde escreveu uma página sobre um filho que queria ter um pai que estivesse presente.

A seguir lançou o repto aos alunos para colocarem questões. O facto de o filme "Adeus, pai" ter sido previamente visualizado e debatido nas disciplinas de Psicologia, Português e Sociologia, permitiu aos alunos uma interação pertinente e inteligente, a que o realizador não foi alheio.

Este encontro permitiu não só o contacto com a cultura fílmica, como lançou as sementes para espicaçar a curiosidade para outras obras cinematográficas, nomeadamente portuguesas. (Maria José Gonçalves, Coordenadora equipa PNC na ES de Peniche)

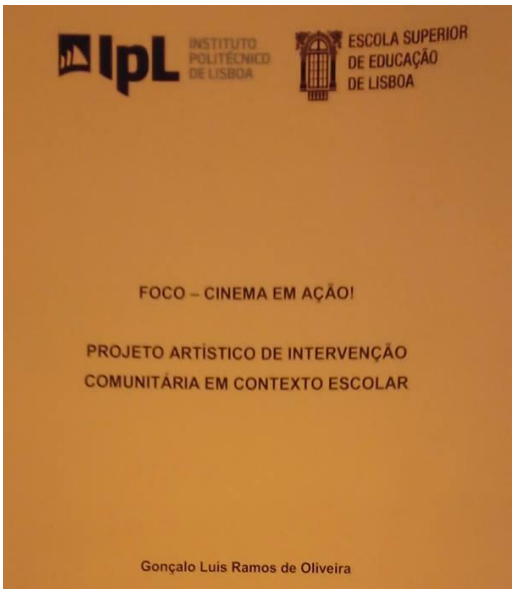
Créditos fotográficos: ES Peniche/PNC

AE de OVAR SUL - No dia 8 de fevereiro realizou-se o "Dia Aberto" do Agrupamento AEOS, e a equipa do Plano Nacional de Cinema do AEOS realizou várias atividades relacionadas com o cinema. Foram exibidas várias curtas-metragens de cinema de animação e imagem real aos alunos do 2.º e 3.ºciclo, e, no final da sessão, os alunos foram convidados a dar o seu parecer sobre os filmes, tendo as preferências recaído nos filmes "3x3", de *Nuno Rocha*, e "Lou" de *David Mullins e Dana Murray*, este último candidato ao *Óscar 2018* na categoria de curta-metragem em animação. Foram ainda dinamizadas oficinas de construção de brinquedos óticos (*thaumatrope, folioscópio, phenakistoscope*), e técnicas de animação *stop-motion*. Realizou-se ainda um *casting* para selecionar os atores que vão participar na curta-metragem escrita pelos alunos do 12º ano, João Lopes, Juliana Amaral e Marta Magalhães, sob a orientação dos professores João Católico (coordenador equipa PNC em Ovar Sul) e Ana Bousbaa, numa iniciativa que vai contar com o apoio do Cine Clube de Avanca.

Créditos fotográficos: AEOS/PNC

INTERVIR NA COMUNIDADE ATRAVÉS DO CINEMA

No passado dia 21 de fevereiro, na Escola Superior de Educação de Lisboa, foi defendido publicamente o trabalho de investigação ***«FOCO-CINEMA EM AÇÃO! – projeto artístico de intervenção comunitária em contexto escolar»***, com vista à obtenção do grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária. Da autoria de Gonçalo Oliveira, o trabalho foi desenvolvido na área de Cultura, Arte e Inclusão, e resultou de um projeto de Educação não Formal que se propôs usar a prática do Cinema e da Educação para os Média como elementos transformadores da perceção do mundo envolvente por parte dos seus intervenientes. Visando o desenvolvimento social e cultural da comunidade, mobilizou para o efeito a participação de três agrupamentos de escolas do distrito de Lisboa, incluindo alunos, e professores que se dispuseram a colaborar.



O processo de trabalho na fase das filmagens (2017); capa do projeto de investigação da autoria de Gonçalo Oliveira, defendido em 2018.

Estabelecendo pontes com o chamado currículo formal, o trabalho evidencia igualmente o uso de metodologias mais próximas da Educação não Formal. A experiência vivida no decurso do projeto demonstra que os alunos foram integrados em processos de aprendizagens múltiplas, e, não obstante muitos desses processos não se encontrarem expressos exclusivamente na matriz do modelo escolar, o mesmo implicou a colaboração interessada e indispensável de vários professores. Mas uma parte essencial do projeto residiu precisamente nessa componente não formal, e de que

forma! Porque constituiu dinâmicas que procuraram projetar na escola métodos de trabalho próprios da cultura audiovisual e cinematográfica, porque saiu para fora da escola, e porque foi reconhecido na comunidade local, questionando o território e a própria ideia de comunidade a partir do cinema.

Estamos perante um projeto pouco vulgar, que, tal como tem defendido Alain Bergala, e, mais recentemente ainda, Cezar Migliorin e Elianne Cardoso[3], parte do princípio de que o cinema inventa uma pedagogia. O cinema pode ser assumido como um transmissor privilegiado de ideias, mas é, muito mais, um inventor de formas que envolvem criadores e espectadores num mundo sensível de ideias, conceitos, perceções do mundo e conhecimento do mesmo.

Frederick Wiseman, 1978. In. *Vanity Fair*, 11 de setembro de 2017.
https://www.vanityfair.com/hollywood/2017/09/frederick-wiseman-documentary-new-york-public-library-ex-libris

[3] O artigo dos investigadores citados foi publicado em 2016, e pode ser consultado na íntegra em: MIGLIORIN, Cezar e BARROSO, Elianne Ivo - "Pedagogias do Cinema: Montagem", In: *Significação – Revista de Cultura Audiovisual*, v. 43, n. 46 (2016). Disponível em: http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/115323/121176

O documentarista norte-americano Frederick Wiseman afirmava que «…quando faço um filme descubro o que penso». Essa condição de descoberta de qualquer coisa de fundamental sobre nós próprios a partir da prática e experiência do cinema constitui-se como principal argumento para valorizar a presença desta área nas escolas. Parece ser consensual que todos defendemos que os jovens têm de ser expostos a múltiplas experiências estéticas, técnicas e éticas. Elas encontram-se na construção de um argumento, na de um *storyboard*, no trabalho com a fotografia, com o som, com a montagem, na criação de aplicações digitais para partilha de informação, no recurso ao audiovisual, enfim, como plataforma que liga todas as artes e técnicas. Mas somos muito menos aqueles que conseguimos levar a bom termo a tarefa de expormos um grupo de alunos a vivenciar a complexidade de um sistema de trabalho. Durante o processo houve um aluno que deu conta de que «fazer cinema não é tão fácil como parecia», e os próprios pais compreenderam que estava em marcha um processo de aprendizagens menos convencionais, mas que ligava os seus educandos à comunidade, ao meio, à arte e à vida. É aí que repousa a riqueza do projeto «Foco-Cinema em Ação!», e esperamos que o testemunho deixado possa frutificar em mais comunidades educativas.

DESTAQUE: CINEDITA – FESTIVAL DE CURTAS DE ARGANIL

O **CINEDITA** é um festival de curtas – metragens realizadas em âmbito académico, contou na segunda edição com mais de 50 inscrições de curtas-metragens de escolas de norte a sul do país, secundárias e universitárias. As edições anteriores tiveram lotação esgotada no espaço da Cerâmica Arganilense, contando com a presença de 300 pessoas.

O prazo de inscrições da **3.ª Edição do CINEDITA decorre até 31 de março**.

Para mais informações, consultar o regulamento em: http://cinedita.esarganil.pt/

SESSÕES O CINEMA ESTÁ À TUA ESPERA – MÊS DE MARÇO

MARÇO	LOCAIS DE EXIBIÇÃO/FILMES (MAPA SUJEITO A ALTERAÇÕES)
01	CINEMAS NOS, Palácio Foz, Lisboa *Tempos Modernos,* Charlie Chaplin
13	CINE TEATRO TORRES VEDRAS, *Adeus, Pai,* Luís Filipe Rocha
19	CINE-TEATRO MONTIJO *Adeus, Pai,* Luís Filipe Rocha
19 a 23	SESSÕES EM AUDITÓRIO ESCOLAR, *Teixoso*, Castelo Branco *Estória do Gato e da Lua,* Pedro Serrazina; *O Garoto de Charlot*, Charlie Chaplin *Atrás das Nuvens,* Jorge Queiroga
20	CINE-TEATRO MONTIJO *Ladrões de Bicicletas,* Vittorio de Sica
	SESSÕES EM AUDITÓRIO ESCOLAR, Sesimbra *Rhoma Acans,* Leonor Teles; *Rafa*, João Salaviza
21	SESSÕES EM AUDITÓRIO ESCOLAR, Sesimbra *Rhoma Acans*, Leonor Teles; *Rafa*, João Salaviza
	CINECLUBE DE GUIMARÃES, CENTRO PAROQUIAL DE PEVIDÉM *Adeus Pai*, Luís Filipe Rocha; *O Garoto de Charlot,* Charlie Chaplin
	THEATRO CIRCO, BRAGA *O Garoto de Charlot,* Charlie Chaplin
	CINEMAS NOS-FARO *Na Escola* (Jorge Cramez), *Gambozinos* (João Nicolau), *Entrecampos* (João Rosas), *Rei Inútil, (*Telmo Churro)
	TEATRO MUNICIPAL VILA DO CONDE *Atrás das Nuvens,* Jorge Queiroga
	CINEMAS NOS – GAIA SHOPPING O Grande Ditador, Charlie Chaplin
22	CINE-TEATRO JOÃO DA MOTA, Sesimbra *Ladrões de Bicicletas*, Vittorio de Sica
	TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE *O Garoto de Charlot*, Charlie Chaplin
23	CINEMAS NOS, VILA REAL *Os Salteadores*, Abi Feijó ; *Rafa,* João Salaviza
	TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE *O Garoto de Charlot*, Charlie Chaplin
	SESSÃO EM AUDITÓRIO ESCOLAR, Fronteira *A Quimera de Ouro,* Charlie Chaplin
23/24/25 3 Sessões	CASA DA CULTURA, Câmara de Lobos, Madeira (em confirmação) *Estória do Gato e da Lua*, Pedro Serrazina *Com Quase Nada,* Margarida Cardoso e Carlos Barroco*; Adeus, Pai,* Luís Filipe Rocha; *Ladrões de Bicicletas,* Vittorio de Sica

Todas as sessões de cinema do PNC são organizadas pela Direção-Geral da Educação (DGE), pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

A todas as equipas do PNC a nível de escola, solicitamos que enviem para o endereço pnc@dge.mec.pt imagens e outros documentos que possam servir para divulgarmos as vossas atividades.

O nosso obrigado a todos!

A Equipa